



Evento	Salão UFRGS 2018: XIV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Memórias Docentes: Lembranças, Esquecimentos e Identidades do Ser Professor
Autor	ALEXANDRE DA SILVA MANZONI
Orientador	EDISON LUIZ SATURNINO

RESUMO: A comunicação aborda um fenômeno próprio do campo educacional, relacionado especificamente às trajetórias escolares: os processos de construção de memórias docentes. O trabalho inscreve-se, então, no interesse de estudantes e pesquisadores de diferentes áreas das ciências humanas sobre as histórias de vida e memórias de professores e professoras. A motivação para a produção do trabalho foi estabelecida, entre outras coisas, pelo desejo de ampliar acervos documentais que permitam conhecer diferentes práticas do cotidiano da escola. Além disso, buscou-se adentrar as experiências subjetivas do passado docente, como forma de compreender manifestações próprias da cultura escolar, e estabelecer junto aos professores um processo reflexivo que permita o questionamento da própria atividade docente. Ressalta-se a importância desse trabalho para os estudantes em formação, tendo em vista a possibilidade de interagirem com professores aposentados e seus diferentes tempos de atuação no magistério. Os depoimentos orais tendem a apresentar diversos indícios sobre o funcionamento das instituições escolares, sobre a circulação, consumo e apropriação de saberes que ali se efetivavam, sobre as práticas curriculares, formação e relações interpessoais. Os aportes teóricos que sustentaram o trabalho junto aos graduandos entendem a memória como um fenômeno que se produz a partir de referenciais individuais e coletivos, marcados pela seletividade e pelos esquecimentos. Nesse sentido, a simultaneidade da existência de memórias individuais e coletivas – constituindo-se mutuamente – é um dos fatores que permite aos professores a formação de passados e identidades com as quais possam conviver e significar sua vida na atualidade. A produção e análise de dados basearam-se nos pressupostos teórico-metodológicos da história oral, sendo que as narrativas de vida dos professores foram coletadas através de entrevistas semi estruturadas, realizadas por alunos de diferentes cursos de licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante o semestre 2018/1 na disciplina “História da Educação: História da Escolarização Brasileira e Processos Pedagógicos”. No material formulado surgiram questões sobre os processos de formação e atuação docente, em assuntos como: constituição e funcionamento de escolas indígenas; apropriação dos espaços escolares; a experiência da educação feminina; práticas corporais desenvolvidas por professores das séries iniciais nos anos de 80 e 90; professores negros e o preconceito racial; primeiras experiências e motivações na carreira docente; docência na ditadura militar; relações interpessoais nas escolas no período da redemocratização da política brasileira; as práticas de violência escolar nas trajetórias de vida dos professores; narrativas sobre a liberdade de cátedra; questões de gênero e educação sexual na formação e atuação docente. Após a elaboração dos trabalhos por turmas interdisciplinares, os alunos produziram um ensaio e apresentaram banners em sala de aula com o resultado das atividades desenvolvidas. Destaca-se a atenção dedicada à forma como foram tratadas as fontes, especificamente na maneira de dizer dos sujeitos, com um suporte metodológico que articula a individualidade da experiência, com as manifestações da sociedade em um tempo e espaço. Ao esmiuçar as entrevistas, observa-se que, assim como os sujeitos mudam o comportamento pelo fato de estabelecerem novas relações consigo e com a sociedade, suas memórias se inventam, reinventam e adquirem novos significados. O grupo no qual o sujeito está inserido, embora se admita as poéticas próprias dos refúgios do eu, é fundamental para as formas como estas memórias são evocadas e o tratamento dedicado a elas. É, portanto, como pertencentes a uma coletividade que os sujeitos se relacionam com os símbolos e crenças que habitam a memória, e isso varia conforme o contexto espaço-temporal no qual estes sujeitos pensam a si mesmos. Existe ainda uma capacidade seletiva da memória de acordo com a necessidade de aceitação pública das lembranças, bem como o silenciamento de memórias com as quais o sujeito não deseja relacionar-se, quer pelos traumas ou pela produção de identidades aceitas no presente. Além dos componentes imateriais como discursos e relações interpessoais, há recursos materiais importantes na produção da memória: prédios escolares, mobiliário, artefatos didáticos, vestimentas, e mesmo substâncias capturadas pelos sentidos, como aromas presentes na cantina, ou a temperatura no pátio da escola. Embora a memória seja também uma forma de resistência pelo ato de lembrar, e, portanto, preservar um passado com o qual o indivíduo possui um sentimento de pertença positivo, é na capacidade de esquecimento que se encontra o equilíbrio e a possibilidade de adaptar-se aos novos valores e códigos sociais com uma identidade que precisa de legitimação. É necessário esquecer para viver, com coragem para pensar outros possíveis, com toda a violência e intensidade implicada neste movimento. Considerando a singularidade presente em cada sujeito, o movimento de tensão, complementaridade e equilíbrio entre memórias individuais e coletivas é estabelecido por atos de lembrar e esquecer presentes na condição humana, com toda complexidade que envolve os sujeitos. Dentre os resultados produzidos pelos estudantes podemos citar: a tentativa dos professores em produzir, através das memórias, um lugar de pertencimento em um mundo marcado por inconstâncias e imprevisibilidades; a tentativa de estabelecer marcos políticos através da fala; a legitimação de discursos reforçados pela memória como algo experienciado; a explicitação de dimensões imaginativas da memória; as possibilidades de utilização da memória como fonte para a história da educação; as formas como a escola produz a masculinidade e feminilidade; os movimentos de submissão e resistência na escola em diferentes períodos; as vocações docentes e práticas didáticas; os conflitos entre a normatividade institucional e a prática docente. Muitos dos professores entrevistados pelos estudantes utilizaram as narrativas de memórias para produzir um balanço de suas vidas, a partir de projetos particulares, mas também de utopias que orientaram seus itinerários profissionais, como se a partir de suas memórias fosse possível uma tessitura capaz de atribuir novos sentidos para a vida e para a docência, apontando para outras formas de ser e estar no mundo.